

O FUTURO FABULOSO DOS IBÉRICOS EM *A JANGADA DE PEDRA*: UM MANIFESTO DISSONANTE COMO RESPOSTA À EUROPA

THE FABULOUS FUTURE OF THE IBERIANS IN *THE STONE RAFT*: A DISSONANT MANIFEST AS A RESPONSE TO EUROPE

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i28p47-62>

Ubiratan Machado Pinto¹

RESUMO

O presente artigo estabelece uma discussão teórica a respeito do romance *A jangada de pedra* (1986), de José Saramago, conferindo-se na narrativa o debate político que o autor promove através de personagens emblemáticos para a história de Portugal e Espanha. Pertencer ou não à Europa é um dos pontos cruciais de reflexão que o narrador nos oferece em forma de crítica ao longo do texto, uma vez que a Península Ibérica passa a navegar pelos mares, desprendida do Velho Mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Ironia; Mitologia; Política; Historiografia; Metaficção.

ABSTRACT

*This article establishes a theoretical discussion about the novel *The stone raft* (1986), by José Saramago, giving in the narrative the political debate that the author promotes through emblematic characters for the history of Portugal and Spain. To belong or not to belong to Europe is one of the crucial points for reflection that the narrator offers us in the form of criticism throughout the text, since the Iberian Peninsula begins to navigate by the seas, detached from the Old World.*

KEYWORDS

Irony; Mythology; Politics; Historiography; Metafiction.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

É próprio da literatura convidar-nos a participar de uma viagem para um lugar insólito, oferecendo aos leitores perspectivas nem um pouco óbvias a respeito da vida, da sociedade, dos dilemas humanos, uma vez que a reflexão a ser feita por nós também se molda à habilidade de realizarmos um exercício de contemplação inusitado, pois nosso ponto de partida é o incomum ficcional trazido à tona através da escrita de autores que se veem às voltas com as mais diversas inquietações do mundo. Sem dúvida alguma, podemos destacar, dentre tantos ficcionistas de escrita potente e imaginativa, a presença inarredável de José Saramago (1922-2010) com suas obras literárias que transformam a história da literatura portuguesa por intermédio de um olhar moderno e apocalíptico a respeito da trajetória feita pelas figuras (sobre-)humanas que o autor convoca em suas narrativas para tecer o seu universo imaginário em que os personagens se firmam e vacilam ao mesmo tempo diante dos entrelaçamentos impensáveis produzidos pelo autor português que, neste ano, é especialmente celebrado por uma comunidade vasta de admiradores de suas criações literárias devido à comemoração do centenário de seu nascimento.

A palavra “insólito” deriva do latim “*insolitus*”, formada pela mescla do prefixo de negação “in-” com o termo “solito”, o que exprime a ideia de algo não habitual ou costumeiro, longe do lugar comum, remetendo àquilo que é estranho, extraordinário, inesperado, surpreendente. Assim, com o romance *A jangada de pedra* (1986), José Saramago apresenta-nos a possibilidade de a Península Ibérica desgarrar-se do resto da Europa, flutuando pelo Oceano Atlântico. Esse é o tema da narrativa e tudo se desdobra a partir de tal evento. O próprio texto é a ruptura, o corte ou a fenda que vai se alargando no decorrer das páginas. Com referência às reflexões de Roland Barthes em *O prazer do texto* (2006, p. 11-12), a linguagem que está a serviço da literatura funda-se com a cisão relativa à escritura do artefato polissêmico ao dispor do leitor. A exemplo do romance em questão, observamos a sua margem coerente (a do uso da língua corrente, sistematizada, regrada por preceitos gramaticais) ao passo que seguimos a sua margem móvel (transgressora, rebelde, avessa a quaisquer convenções normativas), vazia, livre para adotar o contorno que quiser, uma vez que o texto torna-se objeto de desejo justamente pela fenda existente em que o jogo

Em conformidade com tais observações, consideremos três partes a serem apontadas neste artigo, cujos subtítulos são estes: “Península sitiada”; “Semideuses errantes”; e “Resposta à Europa”, tópicos esses que se relacionam com uma forma de leitura despreziosa, apresentada neste texto, sem ter o compromisso de oferecer uma resolução absoluta sobre a referida narrativa de José Saramago.

1 PENÍNSULA SITIADA

A Península Ibérica simplesmente deixa de fazer parte do continente europeu e está apartada dos outros países vizinhos por causa de um fenômeno geológico sem precedentes. A ironia de Saramago se estabelece dessa maneira no romance em pauta. Pode-se pensar que Portugal e Espanha distinguem-se social e culturalmente do restante da Europa devido à história de formação dos povos ibéricos, engendrada por diferentes disseminações humanas ao longo dos tempos no território peninsular tais como a migração dos bárbaros, a invasão árabe e a diáspora judaica, e até mesmo em razão de as terras peninsulares representarem um passado de disputas imperialistas que marcam o caráter identitário colonizador desses países. Eis a situação das duas nações à época de adesão efetiva à atual União Europeia em 1986, ano de publicação de *A jangada de pedra*, através da perspectiva apresentada por Saramago nesse romance: aceitar o acordo que talvez pudesse caracterizar um certo desprezo à memória de conquistas marítimas e revigorar, por intermédio do imaginário pertinente à glória pretérita dos reinos português e espanhol, a cisão cultural com a aliança econômica para sublinhar aquilo que já foi deixado para trás, uma vez que, perante os outros Estados-membros da UE, tal como afirma Eduardo Lourenço (1988, p. 60) em *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*, “acentua-se, cada dia que passa, a nossa estrutural dependência de nações ou grupos para quem a Revolução de Abril, mesmo mitigada, não é nem pode ser *persona grata*”.

Com o fim do Estado Novo de Salazar em Portugal, ocorrido no dia 25 de abril de 1974, data que assinala a notória Revolução dos Cravos, a pátria lusitana, mergulhada em dificuldades financeiras e desigualdade social, é impelida a se reorganizar economicamente, pois perde o controle colonial após os movimentos de independência de países africanos, tornando-se necessário voltar-se para o mercado europeu e, desse modo, modernizar-se e atingir melhor desenvolvimento econômico com o apoio

da União Europeia. É devido a esse contexto histórico que a Península Ibérica se desprende do continente europeu para reafirmar a posição de pertencimento à heroicidade náutica tanto reverenciada na epopeia camoniana quanto no lirismo modernista de Fernando Pessoa, referências presentes no romance de Saramago: “Vejam-se os portugueses, ao longo das suas douradas praias, proa da Europa que foram e deixaram de ser, porque do cais europeu nos desprendemos, mas novamente fendendo as ondas do Atlântico, que almirante nos guia, que porto nos espera” (SARAMAGO, 2017, p. 88-89).

Se o acordo com a União Europeia mudaria completamente o cenário econômico de Portugal e Espanha, a única maneira de as duas nações se preservarem como potências ultramarinas seria por intermédio da separação drástica e irreversível da Península Ibérica com a Europa, continente criticado pelo narrador devido ao fato de os ibéricos serem vistos como um enigma pelos europeus:

Quantas vezes passaram por aqui peste e guerra, terremotos e incêndios, e sempre esta terra envolvente ressurgiu do pó e das cinzas, fazendo do amargo sofrimento doçura de viver, da tentação barbárica civilização, campo de golfe e piscina, iate na marina e descapotável no cais, o homem é a mais adaptável das criaturas, principalmente quando vai para melhor. Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começámos finalmente a saber o que a Europa é, se não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também (SARAMAGO, 2017, p. 152-153).

Vagar em mar aberto é sinônimo de honra e triunfo para portugueses e espanhóis que aparecem envolvidos na trama da narrativa. O narrador de *A jangada de pedra*, nessa passagem do romance, subverte a condição de inferioridade em relação à comunidade europeia que se consolida como uma zona de economia forte, cogitando até mesmo haver, do outro lado da península, semelhante incompatibilidade principalmente de ordem cultural face ao conjunto de países que partilham da mesma moeda.

A consequência da fenda que divide península e continente europeu é o acirramento da rivalidade oriunda desse fenômeno geológico. A frase “nós também somos ibéricos” começou a ser proferida em diversas línguas

e tal reação, mostrada na narrativa, corresponderia ao apoio dos europeus menos ortodoxos no que diz respeito à preferência pelo lado que não se soltou rumo ao mar e avessos à suposta arrogância da Europa. No entanto, prevalece o antagonismo, como podemos verificar no seguinte excerto:

Essas pessoas [que fugiram da península quando a ruptura estava acontecendo] traçaram o negro quadro das realidades ibéricas, deram conselhos, com muita caridade e conhecimento de causa, aos irrequietos que imprudentemente estavam a pôr em perigo a identidade europeia, e concluíram a sua intervenção no debate com uma frase definitiva, olhos nos olhos do espectador, em atitude de grande franqueza, Faça como eu, escolha a Europa (SARAMAGO, 2017, p. 155).

Desde a separação catastrófica nos Pireneus, Portugal e Espanha passam a navegar pelo Oceano Atlântico, indo em direção ao ponto mais setentrional do hemisfério norte em um primeiro momento e, depois, rumo ao hemisfério sul, intercalados os países peninsulares entre a América do Sul e a África. Dessa forma, as nações começam a assumir plena autonomia política e econômica diante do Velho Mundo. O deslocamento pelos mares provoca uma crise identitária na Europa, a exemplo da hostilidade derivada do confronto “ser ibérico” *versus* “ser europeu”. No entanto, a Península Ibérica reage, expondo a relação de interesses mercantis com o território luso-hispânico, tal como demonstra o narrador a seguir:

[Os governos da Europa] decidiram tornar-nos bodes expiatórios das suas dificuldades internas, intimidando-nos absurdamente a deter a deriva da península, ainda que, com mais propriedade e respeito pelos factos, lhe devessem ter chamado navegação. Esta atitude é tanto mais lamentável quanto é sabido que em cada hora que passa nos afastamos setecentos e cinquenta metros do que são agora as costas ocidentais da Europa, sendo que os governos europeus, que no passado nunca verdadeiramente mostraram querer-nos consigo, vêm agora intimar-nos a fazer o que no fundo não desejam e, ainda por cima, sabem não nos ser possível (SARAMAGO, 2017, p. 160-161).

O que está em jogo em *A jangada de pedra* é justamente a preservação dos valores nacionais referentes às soberanias portuguesa e espanhola como nações emancipadas e não dependentes dos trâmites político-econômicos da Europa. Assim, as vastas terras peninsulares adquirem o seu brio identitário e cultural através de cinco personagens emblemáticos

nesse romance: os portugueses Joana Carda, Joaquim Sassa e José Anaiço, o espanhol Pedro Orce e a galega Maria Guavaira.

2 SEMIDEUSES ERRANTES

Não é em vão que o romance *A jangada de pedra* trata de uma viagem frenética dos ibéricos pelo Oceano Atlântico por meio de uma rochosa e gigantesca embarcação peninsular, com personagens aparentemente comuns. Também não podemos esquecer que o mar, nessa fabulosa jornada, perde de certo modo a sua relevância como orientação geográfica inalterável, não importando mais se águas oceânicas são vistas como ponto de partida ou de chegada. Referente a essa perspectiva, vale dizer que Saramago dialoga com Camões e atualiza o enaltecimento não apenas à pátria portuguesa, como também ao universo luso-hispânico como um todo. Quando o narrador associa episódios extraordinários aos cinco protagonistas dessa narrativa, torna-se inequívoca ainda a alusão aos deuses greco-latinos diretamente relacionados com a saga de Vasco da Gama em *Os Lusíadas*. A aproximação com os deuses pagãos da epopeia camoniana se estabelece, no entanto, de maneira oblíqua, adquirindo, a partir das referências da mitologia greco-romana, outro significado na prosa, mais peculiar e inusitado. Com isso, surge no texto a menção a um mito popular da comuna francesa de Cerbère, situada nas proximidades dos Pireneus, na qual os cães, descendentes de Cérbero, guardião canídeo do mundo inferior, não ladram, a não ser que o final dos tempos venha. Mais adiante, Joana Carda, José Anaiço, Joaquim Sassa, Pedro Orce e Maria Guavaira ganham a intrigante companhia de um cão chamado Constante, trazendo um fio azul preso em suas mandíbulas, aparição inesperada e enigmática que, novamente, reforça o imaginário mitológico da obra, tal como destaca Maria Cristina Chaves de Carvalho na dissertação “*Aqui o mar acaba e a terra principia*”: o lugar que se revela em *A jangada de pedra*:

A referência mitológica a Cérbero vem colaborar com o mistério que envolve um cão na narrativa, porque é o guia de itinerantes neste percurso inusitado. Destacamos a crença no homem, no conhecimento decorrente da viagem, traduzindo-se tudo isso numa autognose coletiva, necessária e urgente, pois o romance propõe reflexões sobre o momento histórico e político da produção da obra, marcando radicalmente a sua oposição à inserção na União Europeia. Afinal, embora os povos ibéricos façam parte da Europa, vivem de fato à

A mácula que persegue José Anaiço, representada pelo bando de estorninhos, remete ao conceito de “miasma” oriundo da mitologia grega. De acordo com o autor Robert Parker na obra *Miasma: pollution and purification in early Greek Religion* (1983), tal noção nos sugere a ideia de “poluição”, “profanação”, “contaminação”, uma vez que o miasma seria um poder contaminante emanado de um herói impuro, perverso, que comete atrocidades e mancha a sociedade da qual faz parte, comprometendo-a de forma catastrófica até que o facínora seja expurgado do meio. Se o professor surge no romance de Saramago como um pensador desacreditado de sua comunidade, alguém que poderia iludir a todos com facilidade e que ainda seria supostamente capaz de encantar passarinhos, um sujeito com disposição em potencial para criticar os rumos da Península Ibérica, então a sua importância na narrativa é justamente a de carregar consigo a nódoa imaginária que paira sobre os ares lusitanos: o passado colonial glorioso, ainda que marcado por violência ao extremo e muito sangue derramado, e a ameaça da adesão à União Europeia que a obra romanesca destaca na ocasião de seu lançamento em 1986. Por todas essas razões, é preciso observar que José Anaiço não pode ser considerado um criminoso ou assassino, assim como não se reconhece no protagonista nenhum desvio de caráter evidente. No entanto, o que há de heroico no papel desenvolvido por ele na trama se refere ao fato de justamente ser colocado na situação de enfrentar os prováveis maus presságios trazidos pelos passarinhos que voam ao redor dele, suportando o tormento como um semideus amaldiçoado pela própria história de seu povo.

Quem procura José Anaiço, quando toma conhecimento de que a Península Ibérica se desprendia da Europa, é Joaquim Sassa. Outro episódio surpreendente no romance é protagonizado por esse funcionário de escritório, favorecido por uma força descomunal equivalente à de Sansão, como menciona o narrador, que o torna capaz de lançar ao mar uma pedra gigantesca. Nesse sentido, o vigor de Joaquim Sassa também alude à pujança dos argonautas Hércules e Teseu, famigerados heróis que se empenharam a encarar os desafios mais escabrosos mencionados nos tão culturalmente difundidos relatos mitológicos. Unindo-se com os três personagens citados anteriormente, por todos exercerem façanhas inimagináveis, Maria Guavaira assume posição análoga a de Ariadne, lendária princesa de Creta e filha do Rei Minos. Enquanto Ariadne auxilia Teseu no labirinto do Minotauro, fornecendo ao herói um fio para que

soubesse sair do caminho intrincado, Maria Guavaira, em semelhantes circunstâncias, desfia uma meia azul feita de lã cujo fio é simplesmente interminável. A galega interliga-se com os demais protagonistas em sua casa por intermédio do cão Constante, que segura entre os dentes o fio azul oriundo da meia de lã. Além disso, o farmacêutico espanhol Pedro Orce também se reúne com eles, afetado pela ruptura geológica na Península Ibérica após Joaquim Sassa ter arremessado uma pedra imensa no oceano. Na condição de ser o protagonista mais velho de todos os demais personagens, Pedro Orce passa sentir a terra tremer constantemente e é um sujeito que parece estar intimamente ligado à terra, ao chão, ao solo. No entanto, cabe considerarmos que um vasto território estremece de maneira estarrecedora por causa do movimento do oceano. Portugal e Espanha vogam sobre um mar bravio que causa o tremor na superfície peninsular percebida apenas pelo espanhol já muito vivido e de cabelos brancos, como se ele fosse Poseidon, deus dos mares e oceanos, deslocado de seu reino, a lendária figura mitológica capaz de provocar terremotos e maremotos. Pedro Orce é o protagonista que mais tem ligação com as águas que circundam a Península Ibérica:

Pedro Orce mede a dimensão do oceano e nesse momento acha-o pequeno, porque ao inspirar fundo se lhe dilatam os pulmões tanto que neles poderiam entrar de golfão todos os abismos líquidos e ainda soprar espaço para a jangada que com os esporões de pedra vai abrindo caminho contra as vagas. Pedro Orce não sabe se é homem ou peixe (SARAMAGO, 2017, p. 182-183).

Quando descobre uma antiga barca de madeira petrificada, o velho farmacêutico evoca um destemor próprio dos navegantes, dos marinheiros, daqueles que se lançam ao mar sem medo das intempéries e tempestades marítimas, e é esse ânimo de argonauta que podemos identificar no personagem: ele se move para as bordas da terra, avança para a outra ponta da península em que a fenda geológica se formou e conhece a parte fragmentada dos Pirineus, alcançando a parte arruinada de rocha e pedra que sobrou da cordilheira. Assim, seguem em direção a esse lugar os cinco personagens, seres dotados de aptidões fenomenais, dispostos a viver um futuro fabuloso.

3 RESPOSTA À EUROPA

A epígrafe de *A jangada de pedra* é uma frase extraída do romance *Concerto barroco* (1974), do escritor cubano Alejo Carpentier. Assim, José Saramago abre o romance com a seguinte frase: “Todo futuro es fabuloso”. A referência à narrativa de Carpentier reforça dilemas entre mundos diferentes, entre nações que dialogam culturalmente e rivalizam ao mesmo tempo e, com isso, a tensão entre os povos ibéricos e o restante da Europa é justamente um dos pontos de destaque no romance de Saramago. Adotando o realismo maravilhoso, cunhado pelo autor cubano, o escritor português lança Portugal e Espanha ao mar, instaurando o insólito desde o início do texto, mas inverte a lógica esperada acerca daqueles que adquirem um destino errante por águas salgadas: não são os portugueses e os espanhóis que estão à deriva e, sim, o Velho Mundo. Nesse sentido, o lado que perderia é a Europa através da perspectiva presente em *A jangada de pedra*.

A Península Ibérica é salva pela própria e peculiar historiografia nesse romance, algo que o texto traz à tona quando menciona diversos episódios relacionados com a cultura luso-hispânica, a exemplo do cavaleiro da triste figura, Dom Quixote. No entanto, os tempos são outros e a predecessora Comunidade Econômica Europeia, preterida radicalmente no contexto da narrativa por meio uma fenda abissal, mas atualmente designada como União Europeia (em vigor desde 1º de novembro de 1993), constituída por 27 Estados-membros, mostra-se agora consolidada como uma economia de fato robusta perante as demais nações não integradas a esse acordo e a força dessa organização política, se projetarmos a perspectiva crítica do leitor contemporâneo sobre a obra, tende a superar até mesmo o gesto defensivo que se insinua no texto de Saramago, isto é, a impossibilidade de fazer parte do tratado internacional por conta da ruptura geológica. O que resta fazer então? Por que tal acordo seria incompatível com a ordem de mundo lusitana e/ou hispânica? Seria mesmo uma sujeição tornar-se parte de uma estrutura econômica voltada para o mercado europeu? É justamente por isso que a Revolução dos Cravos, mencionada anteriormente, surge para transformar a sociedade controlada pelo regime salazarista durante 41 anos, dissolvendo o poder ditatorial colonialista na ocasião em que Portugal precisa lidar com o problema da perda do mercado de suas colônias, a defasagem do setor produtivo e a desigualdade social do país durante a recessão econômica mundial dos anos 1970. Que outra escolha os portugueses teriam nesse contexto adverso? Na obra *Nós e a Europa ou as duas razões*, Eduardo

inusitada, através da qual é feita a releitura de antigas alianças para sublinhar, na verdade, a dissonância identitária e política que é trazida à tona no decorrer da narrativa em consequência dos rumos do Velho Mundo a favor de uma moeda em comum. Quando se desvencilham totalmente do continente europeu, as nações ibéricas voltam a ser lembradas como velhos impérios seculares coloniais, mas nessa moderna e excêntrica conjuntura ocupam um espaço no qual se cumpre aquele futuro fabuloso, mencionado na abertura do romance, para que a relação com os territórios continentais, já livres da colonização, possa talvez ser revista e/ou revisitada:

Nasceu A Nova Atlântida, No Xadrez Mundial Moveu-se Uma Pedra, Um Traço De União Entre A América E A Europa, Entre A Europa E A América Um Pomo De Discórdia, Um Campo De Batalha Para O Futuro, mas o título que maior precisão causou produziu-o um jornal português, foi assim, Precisa-se Novo Tratado De Tordesilhas, é realmente a simplicidade do gênio, o autor da ideia olhou para o mapa e verificou que, mais milha menos milha, a península estaria posta sobre o que fora a linha que, naqueles tempos gloriosos, dividira o mundo em duas partes, pataca a mim, pataca a ti, a mim pataca (SARAMAGO, 2017, p. 284-285).

Moeda de prata de procedência lusitana, a pataca correspondia ao valor monetário de 320 réis, difundindo-se sobretudo no período do Brasil Colônia. Ao recuperar tal importância financeira, podemos ponderar que, de certa forma, a moderna moeda europeia não é nem mesmo considerada no território agora insular dos portugueses e espanhóis. Além disso, o narrador chega a um ponto da trama do qual não podemos mais retornar, uma vez que a Península Ibérica, depois de se mover pelo Oceano Atlântico e se fixar, finalmente, entre a América do Sul e a África, adquire a emancipação necessária perante os europeus através do romance. José Saramago, nesse sentido, lança a sua resposta à Europa reinterpretando a história.

A exemplo de *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra*, lançado em 1986, também é uma narrativa em que a metaficção historiográfica, tal como Linda Hutcheon define em *Poética do pós-modernismo*, reforça a crítica de Saramago à época da Comunidade Econômica Europeia e garante a possibilidade de propor uma versão diferente dos acontecimentos factuais, distanciando-se disso sem se comprometer com a veracidade do que está

registrado nos tratados de história, uma vez que “o historiador [segundo Aristóteles] só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poeta falaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais” (HUTCHEON, 1991, p. 142).

José Saramago é um dos maiores autores da literatura portuguesa que nos oferece a perspectiva de justamente pensar sobre qual poderia ter sido o destino de Portugal se houvesse de fato a ruptura geológica nos Pirineus, consagrando-se, assim, como um escritor de romances pós-modernos. Em seus textos literários, ocorre a evocação do presente e do passado, projetados em concomitância no transcorrer da leitura, a reinvenção da história por meio de linhas ficcionais, as especificidades relativas às diferenças políticas. Ler os romances do autor português é aceitar a visão de mundo paradoxal que se edifica em sua ficção para dar conta dos dilemas de mundo também contraditório, complexo e dissonante:

Ele [o romance pós-moderno] faz parte da postura pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado. E, por si só, essa confrontação é contraditória, pois se recusa a recuperar ou desintegrar qualquer um dos lados da dicotomia, e mesmo assim está mais do que disposta a explorar os dois (HUTCHEON, 1991, p. 142).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (FIM DE NAVEGAÇÃO)

Não se pode deixar de mencionar que as mulheres grávidas na Península Ibérica, incluindo Joana Carda e Maria Guavaira (e os filhos gerados em seus ventres podem até ser de Pedro Orce, mesmo que suas relações amorosas tenham sido construídas com José Anaiço e Joaquim Sassa), nas derradeiras páginas do romance, apontam para a possibilidade de renovação da humanidade que ocupa as terras situadas em seu destino final. Haveria, assim, a expectativa de uma reparação histórica por estarem Portugal e Espanha no meio dos continentes colonizados por esses países? De que forma os ibéricos estabeleceriam laços com latino-americanos e cidadãos de países africanos?

É impossível não pensar na história da colonização que envolveu a participação direta das nações peninsulares. Nesse reencontro, o alinhamento cultural e identitário de uma extensa faixa de terra de origem europeia com

América do Sul e África tende a ser heterogêneo, porém mais genuíno do que com a Europa, uma vez que em muitos lugares ao redor da Península Ibérica, na conjuntura surpreendente do romance, falam-se os idiomas português e espanhol e o que mais pode haver em comum entre esses povos é a língua. Além disso, Portugal recuperaria o seu lugar imaginário de grandeza ultramarina, já que continuava sempre à beira do Velho Mundo, isolada pela Espanha, assumindo uma posição marginalizada no tabuleiro político europeu. Espanha deixaria de ser um entrave geográfico, teria de revisar seus vínculos e reconciliar-se com a nação vizinha.

Pedro não sente mais a terra tremer quando a fabulosa ilha, antes península, insere-se nesse espaço extraordinário em que talvez poderiam ser resolvidos os dilemas luso-ibéricos. O personagem cumpre o seu destino e termina por ser enterrado. Sobre sua cova, Joana Carda espeta a vara de negrilho. Apesar do desfecho irreparável para o farmacêutico espanhol, instaura-se, desse modo, um expediente de esperança: “A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem” (SARAMAGO, 2017, p. 317).

O fim da navegação da jangada de pedra não significa que chegamos ao ponto final da história, pelo contrário. Quando Saramago muda territórios de lugares, ele os reconstrói por completo, o que significa dizer que o escritor dispõe aos leitores uma nova versão dos fatos históricos em âmbito literário, sempre de encontro com um estado de resignação acerca dos rumos de seu país, o que nos remete ao que o romancista e ensaísta peruano Vargas Llosa (2004, p. 12) diz sobre a escrita ficcional: “No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito”.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002

CARVALHO, Maria Cristina Chaves de. “*Aqui o mar acaba e a terra principia*”: o lugar que se revela em *A jangada de pedra*. 2006. 73f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1990.

PARKER, Robert. *Miasma: pollution and purification in early Greek Religion*. Oxford: Clarendon, 1983.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.


Recebido em 27 de fevereiro de 2022

Aprovado em 26 de maio de 2022

Ubiratan Machado Pinto

Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Contato: ubiratanpinto@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-4160-4903>

A **Revista Desassossego** utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.